

- E em francês?
- Mas... é a definição de Saussure...
- Esse *Chaussure*¹, ele conhece Barthes?
- Ele não, já morreu, é o inventor da Semiologia.
- Hum, estou a perceber.

No entanto Bayard não está a perceber coisa alguma. Os dois homens atravessam a cafetaria. É uma espécie de hangar devastado que tresanda a *merguez*, a crepes e a erva. Um tipo grande e desengonçado com botas de pele de lagarto, lilases, está de pé sobre uma mesa. A prisca nos beijos, uma cerveja na mão, arenga uns jovens que o escutam, de olhos brilhantes. Como Simon Herzog não tem gabinete, convida Bayard a sentar-se e, maqui-nalmente, oferece-lhe um cigarro. Bayard recusa, saca de um Gitane e recomeça:

- Concretamente, isso serve para quê, essa... ciência?
- Ora bem... para compreender o real?
- Bayard esboça uma careta.
- Isso quer dizer?...

O jovem doutorando leva alguns segundos para pensar. Avalia a capacidade de abstração do interlocutor, manifestamente limitada, adaptando a sua resposta em função disso, ou eles não irão sair dali durante horas.

— De facto, é simples, há uma quantidade de coisas à nossa volta que têm, enfim, uma função de uso. Está a perceber?

Silêncio hostil do interlocutor. No outro extremo da sala, o tipo das botas de pele de lagarto, lilases, conta aos seus jovens discípulos a grande façanha de 68 que, na boca dele, parece uma mistura de *Mad Max* e de Woodstock. Simon Herzog tenta simplificar ao máximo:

¹ Trocadilho do original entre o nome do famoso linguista e «chaussure», sapato. (*N. do T.*)

— Uma cadeira serve para nos sentarmos, uma mesa para comermos, uma secretária para trabalharmos, a roupa para nos mantermos quentes, etc. Certo? — Silêncio glacial. Prossegue: — Só que além da sua função de us... da sua utilidade, esses objetos são igualmente dotados de um valor simbólico... como se fossem dotados de palavra, se prefere: eles dizem-nos coisas. Essa cadeira, por exemplo, em que está sentado, com o seu nenhum design, essa fraca madeira envernizada, essa armação ferrugenta, diz-nos que estamos numa coletividade que nada quer saber de conforto nem de estética, e que não tem dinheiro. Além do mais, estes cheiros indefinidos a cantina de má qualidade e a *cannabis* confirmam-nos que estamos num local universitário. Do mesmo modo, a sua maneira de vestir assinala a sua profissão: usa fato, o que denuncia um emprego de funcionário, mas a sua roupa é modesta, o que implica um salário modesto e/ou uma ausência de interesse pela sua aparência, exerce assim uma profissão onde a apresentação não conta, ou conta pouco. Os seus sapatos estão muito coçados, embora tenha vindo de carro, isso significa que não passa o seu tempo numa secretária, mas no terreno. Um funcionário que sai do seu gabinete tem todas as probabilidades de ser destacado para um trabalho de inspeção.

— Hum, estou a ver — diz Bayard. (Longo silêncio durante o qual Simon Herzog consegue ouvir o homem das botas de pele de lagarto, lilases, contar ao seu público fascinado como, na época em que estava à cabeça da Fração Armada Espinozista, venceu os Jovens Hegelianos.) — Dito isto, eu sei onde me encontro, está escrito «Universidade de Vincennes. Paris 8» na entrada. E está também marcado «Polícia» em letras garrafais na identificação tricolor que lhe mostrei quando o abordei no fim da sua aula, portanto não entendo muito bem onde quer chegar.

Simon Herzog começa a transpirar. Esta conversa traz-lhe à lembrança recordações dolorosas de exames orais. Não entrar em

pânico, concentrar-se, não se fixar nos segundos contados em silêncio, ignorar o ar falsamente beatífico do avaliador sádico que goza interiormente a sua superioridade institucional e o sofrimento que inflige porque o sofreu, também ele, no passado. O jovem doutorando pensa depressa, observa atentamente o homem que tem diante dele, procede metodicamente, etapa por etapa, como lhe ensinaram e, ao sentir-se pronto, deixa ainda passar alguns segundos e depois diz:

— Esteve na guerra da Argélia, casou-se duas vezes, está separado da sua segunda mulher, tem uma filha com menos de 20 anos com a qual as suas relações são difíceis, votou Giscard nas duas voltas da última eleição presidencial e tornará a votar nele no próximo ano, perdeu um colega no exercício das suas funções, talvez por culpa sua, em todo o caso sente-se responsável ou não se sente muito à vontade com isso, mas a sua hierarquia não lhe atribuiu essa responsabilidade. E foi ao cinema ver o último James Bond, mas prefere ainda assim um bom Maigret na televisão ou os filmes com Lino Ventura.

Longo, muito longo silêncio. Na outra ponta, Espinoza reencarnado conta sob os vivas da multidão como ele e o seu grupo venceram os Fouriers rosas. Bayard murmura com voz mortíça:

— O que o leva a dizer isso?

— Ora bem, é muito simples! (Outro silêncio mas, desta vez, gerido pelo jovem professor. Bayard não pestaneja, traído apenas por um ligeiro tremor nos dedos da mão direita. O homem das botas de pele de lagarto, lilases, começa a cantar à capela uma canção dos Rolling Stones.) Quando veio assistir ao meu curso, há bocado, na minha sala de aula, posicionou-se espontaneamente de forma a não estar de costas para a porta ou a janela. Não é na escola da polícia que ensinam isso, mas no exército. O facto de esse reflexo lhe ter ficado significa que a sua experiência militar não se limitou a um serviço simples mas que o marcou

o bastante ao ponto de ter conservado hábitos inconscientes. Portanto, talvez tenha combatido e não é suficientemente velho para ter combatido na Indochina, logo penso que terá estado na Argélia. É da polícia, portanto forçosamente de direita, como o confirma a sua hostilidade de princípio aos estudantes e aos intelectuais (manifesta desde o início da nossa conversa), mas como antigo combatente da Argélia viveu a independência concedida por De Gaulle como uma traição, daí ter recusado o voto a Chaban, o candidato gaullista, e é bastante racional (qualidade exigida pelo seu ofício) para não votar num candidato como Le Pen sem qualquer peso nem qualquer hipótese de figurar na segunda volta, portanto o seu voto foi naturalmente para Giscard. Veio sozinho, o que é contrário a todas as regras da polícia francesa, cujos agentes se deslocam sempre pelo menos aos pares, portanto tem um tratamento especial, favor esse que só poderá ter sido concedido por um motivo grave como a perda de um colega. O traumatismo foi de tal ordem que não suporta a ideia de ter um novo parceiro, e os seus superiores autorizaram-no a atuar a solo. Assim, pode tomar-se por Maigret que, a julgar pelo impermeável que usa, constitui para si uma referência, inconsciente ou não (o comissário Moulin, com o blusão de couro, é sem dúvida demasiado jovem para que possa identificar-se com ele e, hum, não dispõe de meios para se vestir como James Bond). Usa uma aliança na mão direita, mas tem ainda a marca de um anel no dedo anelar esquerdo. Quis sem dúvida evitar a ideia de que se estava a repetir, mudando de mão com o segundo casamento, a fim de conjurar a sorte, digamos. Isso não bastou, aparentemente, pois a sua camisa enxovalhada, a esta hora matinal, atesta que ninguém trata de passar a ferro em sua casa; ora, de acordo com o modelo da pequena burguesia que é o do seu meio socio-cultural, a sua mulher, se vivesse ainda consigo, não o teria deixado sair com a roupa por passar a ferro.

Dir-se-ia que o silêncio que se segue vai durar vinte e quatro horas.

— E a minha filha?

O doutorando, falsamente modesto, esboça um gesto com a mão:

— Isso levaria muito tempo a explicar.

De facto, deixou-se levar pelo entusiasmo, achou que acrescentar uma filha completava bem o quadro.

— Pois bem, siga-me.

— Como? Aonde? Está a deter-me?

— Requisito-o. Parece-me um pouco menos idiota do que os cabeludos habituais e eu preciso de um tradutor para todos esses disparates.

— Mas... não, lamento-o, é impossível! Tenho de preparar a aula de amanhã, redigir a minha tese, devolver um livro à biblioteca...

— Ouve lá, idiota: tu vens comigo, entendes?

— Mas... aonde?

— Interrogar os suspeitos.

— Os suspeitos? Julgava que se tratava um acidente!

— Eu queria dizer as testemunhas. Vem daí.

O grupo dos jovens fãs reunidos em torno do homem das botas de pele de lagarto, lilases, entoam «Espinoza enraba Hegel! Espinoza enraba Hegel! Abaixo a dialética!» Ao sair, Bayard e o seu novo assistente deixam passar um grupo de maoistas aparentemente decididos a abater espinozistas, aos gritos de «Badiou connosco!»